



A SEXUALIDADE DA PESSOA COM SÍNDROME DE DOWN: TECENDO REFLEXÕES

Elaine Cristina de Medeiros Alves; Joseval dos Reis Miranda

Licenciada em Pedagogia, Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional, elaine.ufpb2009@hotmail.com; Doutor em Educação, Professor da Universidade Federal da Paraíba, UFPB – Campus I josevalmiranda@yahoo.com.br

RESUMO: O presente trabalho, teve com objetivo geral compreender qual a concepção de uma jovem sobre sua sexualidade; analisar como uma jovem com Síndrome de Down define o que é sexualidade e como a sexualidade é vista por pais e pessoas com as quais convive com essa jovem com síndrome de Down. A pesquisa de campo teve como sujeitos participantes a jovem com Síndrome de Down, os pais da jovem, uma companheira da casa e uma amiga. A metodologia utilizada está embasada pela abordagem qualitativa. Os dados foram coletados através de instrumentos de fácil entendimento do processo de investigação da referida pesquisa, tendo a observação e a entrevista semiestruturada com apoio das referências teóricas, objetivando analisar o pensamento dos autores, suas opiniões e atitudes perante a participação na vida da jovem com Síndrome de Down. O referencial teórico entrelaça as questões da sexualidade com a síndrome de Down. De fato ficou evidenciado na nossa pesquisa o quanto a sexualidade, as suas vontades e desejos dessa jovem ficam reprimidas pela falta de conhecimento por parte da família; o estudo também aponta o quanto a figura da pessoa com deficiência é estigmatizada na vivência da sua sexualidade perante uma sociedade repressora e preconceituosa. Assim, as ações referidas à pessoa com alguma deficiência em nosso País, ainda nos mostra um alto teor de isolamento ou mais precisamente um preconceito aos fatos relacionados a essas pessoas que são impedidos de atuarem como verdadeiros cidadãos. As ponderações aqui efetuadas não estão fechadas nem acabadas, porém são incentivos para que possamos cada vez mais pesquisar e construir conhecimentos em prol de uma sociedade inclusiva e respeitadora diante das sexualidades e a pessoa com deficiência.

Palavras-chave: Sexualidade e deficiência. Síndrome de Down. Sexualidades.

Compreendendo o contexto histórico da sexualidade: algumas ponderações

Os grandes estudiosos americanos, europeus e brasileiros vem discutindo e colocando no cenário acadêmico alguns princípios de uma abordagem sobre a sexualidade ocidental. Nesse contexto, são esclarecidas algumas questões sobre a masturbação as relações pré-maritais, o adultério, o prazer das mulheres e dos homens, a frequência de parceiros sexuais, a homossexualidade e outras.

Alertam ainda como isso tudo se encontra sacramentado com apelo ao sexo, o corpo da mulher, e cada vez mais a predominância do poder do homem. É um lugar tenente do enquadramento estético, moral e econômico, os astros e estrelas são os grandes veículos das novas estruturas de ser homem ou mulher, principalmente são sensíveis a esses apelos os adolescentes e os próprios jovens que se encontram em crise diante de valores da confusão dos valores sobre as sexualidades.



A abordagem da sexualidade numa dimensão histórico-filosófica requer definir sua natureza híbrida, permeando significativamente a subjetividade existencial e a realidade de nossa dimensão política, onde se busca romper com o pensamento dominante sobre a sexualidade, que pretende reduzi-la a um amontoado de noções biologistas, instintivas ou institucionais morais, de forma que a sexualidade é sempre uma área de saber e de investigação essencialmente polemica, visto envolver-se com elementos de ordem religiosa e ética de diferentes conotações e universos sociais ou subjetivos.

A obra de Foucault sobre sexualidade publicada no Brasil em 1980 como História da sexualidade, em três volumes, tornou-se referência fundamental para a proposição de toda e qualquer questão teórica sobre sexualidade produzida posteriormente. O mesmo relata que o Ocidente e Oriente tem formas discursivas e práticas variadas, afirmando que o Ocidente desenvolveu a *Scientia Sexualis*, entendida como discurso confessional, expressivo, colonizado, incitado, forma de controle e delimitação do permitido, controlado, esquadrinhado.

A sexualidade é uma das mais importantes e complexas dimensões da condição humana, no mundo atual

estamos continuamente assediados por um ambiente sexual que se manifesta nos mecanismo de sustentação da sociedade capitalista ocidental. Porém, a verdadeira compreensão da sexualidade sempre envolve muitas controvérsias e diferentes posições morais e políticas, uma vez que produz efeitos que dizem respeito quase sempre a mais de uma pessoa. Isso fica evidente na fala de José e Crislaine, pai e mãe da interlocutora com síndrome de Down ao relatar que,

Assunto de sexo não falamos com ela até porque ela não compreende nada. É um assunto morto em nossa casa, principalmente na presença dela, evitamos o máximo que ela se interesse por coisas assim, até porque não a vemos com relação íntima a outra pessoa, nunca jamais. (Jose e Crislaine, pais da jovem com Down).

Desse modo, a análise da evolução histórica e cultural de uma forma dialética permite-nos perceber as diferentes transformações das sociedades humanas do passado e as perspectivas que se abrem para o futuro. A compreensão da sexualidade está relacionada com o mundo Ocidental e na história de sua própria constituição de maneira que o homem se desenvolve na natureza através do trabalho e com isso se torna um elemento evolucionista cultural, conforme o seu aparecimento na terra e por ser um ser primitivo há cerca de cem mil anos antes



de cristo, traz consigo transformações inerentes sexuais, onde o ser primitivo tinha um sentido depreciativo, quase que como sinônimo de “atrasado”, sendo ele vivido em um dos mais extensos períodos na história da humanidade.

De acordo com Foucault (2007) a importância de que ao se tratar do tema da sexualidade é preciso levar em consideração o fato de se falar de sexo, quem fala, os lugares e os pontos de vista de que se fala, as instituições que incitam a fazê-lo, que armazenam e difundem o que dele se diz, em suma, o “fato discursivo” global que o envolve.

Toda essa estrutura consumista curiosamente essa “liberação de práticas sexuais” coincide com automação do trabalho e com a chamada explosão demográfica e ainda ressalta:

Não é, portanto, simplesmente em termos de extensão continua que se deve falar desse acréscimo discursivo; ao contrário, deve-se ver aí a dispersão dos focos de onde tais discursos são emitidos, a diversificação de suas formas e desdobramento complexo da rede que os une. Em vez da preocupação uniforme em esconder o sexo, em lugar do recato geral da linguagem, a característica de nossos três últimos séculos é a variedade, a larga dispersão dos aparelhos inventados para dele falar, para fazê-lo falar, para obter que fale de si mesmo, para escutar, registrar, transcrever e redistribuir o que se diz. (FOUCAULT, 2007, p.35).

Na atualidade questões sexuais deixam de ser objeto de religião,

ou ainda de psicanálise ou psicologia clínica, e passa a ser compreendida como uma questão estrutural, ligada diretamente ao contexto social, produzida dentro dele, relacionada com os demais níveis, econômicos, políticos, moral e social. A sociedade “nova” implica uma nova sexualidade, uma nova compreensão do desejo, a paixão, da alteridade, do encontro, recuperar a palavra, de uma maneira nova, lúdica, sobre o corpo e sobre a sexualidade sendo um caminho da utopia concreta.

Vale salientar que somos fruto da monarquia do sexo que propõe o jogo do sexo e as aparentes censuras como figuras de estratégias de controle, viciando certos movimentos. A sexualidade livre é polimórfica e desaculturada, devendo ser intangível e recuperada no nível do acontecimento, sem a intervenção do pensamento e da palavra. A hegemonia da produção da vida trabalha de maneira dupla com a sexualidade, numa cultura com sérios problemas de repressão, a sexualidade aberta é forte atrativa de consumo e de sublimação da frustração existencial.

A origem do conflito sexual não é explicada, ela se encontra precisamente na raiz social, onde são os homens que tem o controle dos meios de produção, do mundo



da subsistência, e constrói uma ideologia que legitima essa prática. A ideologia da superioridade natural, da força, da iniciativa, do poder, o homem domina o mundo da subsistência e manipula a palavra gerando um campo sagrado, na valorização das suas tarefas, que lhe faz ter controle sobre os saberes da caça e da infraestrutura da vida.

O advento das civilizações urbanas traz o sexo gradualmente, onde este perde seu caráter mítico e passa a ser mais racionalização, mais conhecido e controlado, distingue-se o sexo da reprodução e da fecundidade, e é possível introduzir a noção de prazer. Alguns autores ressaltam o surgimento da prostituição feminina nestas sociedades do mundo antigo, a divisão do trabalho social acentua-se, e o homem usura certos privilégios da mulher tomando em suas mãos o controle da produção e da reprodução da vida.

Dessa forma, a sexualidade deve ser vivida. Somente poderá ser avaliada como busca de sentido para todos e todas, vivenciada numa consciência crítica e a plena importância de abrir-se ao mundo e aos demais semelhantes respeitando as diversidades existentes.

Procedimentos metodológicos

Para execução desta investigação foi adotada a pesquisa sob uma abordagem qualitativa, uma vez que os nossos objetivos foram compreender qual a concepção de uma jovem sobre sua sexualidade; analisar como uma jovem com Síndrome de Down define o que é sexualidade. Os procedimentos e instrumentos utilizados para coleta das informações, foram a entrevista semiestruturada e a observação participante.

Para a realização deste trabalho pesquisamos em um espaço domiciliar na cidade de Rio Tinto-PB, tendo os sujeitos de pesquisa: a jovem com síndrome de Down, pais da pessoa com Síndrome de Down, acompanhante da casa e uma amiga da jovem com Síndrome de Down.

Na certeza de uma compreensão para que as respostas da pesquisa não estão prontas nem acabadas, como também a escrita não se encerra neste texto, apresentamos aqui por meio da pesquisa realizada alguns aspectos pesquisados na área das sexualidades e das deficiências, aqui em especial a pessoa com síndrome de Down.

A Sexualidade e Deficiência

O conceito da sexualidade tem



formas amplas em toda sua dimensão, física, biológicas, econômicas e políticas, onde a sexualidade masculina tem perfil de machista, dominadora e a feminina de submissão e repressão. Porém, quando a sexualidade é tratada junto com a deficiência as questões conceituais se tornam ambíguas nas diferentes ações sociais.

O deficiente deve ser visto como uma pessoa normal com suas vontades e desejos. Contudo, o que vemos é que sua sexualidade é muitas vezes é reprimida pelos pais ou responsáveis onde este fato pode alterar seu equilíbrio externo. Isso influencia nessa pessoa tornando-a um ser psiquicamente não integrado a sociedade, acompanhada de preconceito e discriminação gerando sempre polêmicas quando as formas de aborda-las sejam na escola ou na família. Assim, o convívio da jovem com síndrome de Down em sociedade nós trouxe uma observação diante do relato da amiga Suzete onde ela relata que,

No grupo agente notava que ela tinha uns desejos incontrolável nessas questões sobre sexo, em um dos momentos presenciamos uma admiração por um jovem que era casado, ela se insinuava muito até que a coordenadora teve que falar com ela para que ela parecesse de ter aquele desejo. (Suzete, amiga da jovem com síndrome de Down).

O desejo incontrolável era evidente na jovem com Síndrome

de Down, mas sempre reprimido pelos pais, onde ela encontrou no grupo um refúgio para suas vontades e desejos mais íntimos. No século XX houve um avanço na função de compreender as causas das deficiências atribuídas ao contexto social e histórico não estando situada ao indivíduo, com isso a postura social e educacional é direcionada para a inclusão dos deficientes, sendo aplicadas diferentes ações no âmbito educacional, profissional e social.

A sexualidade das pessoas com deficiências são mais vulneráveis passando a ser mais complexa se tornando um fator importante, de forma que pensar na pessoa deficiente é fazer uma reflexão das questões da diversidade, onde a inclusão do deficiente deve ser vista com fundamentos de que os mesmos têm direitos e deveres como qualquer outro indivíduo considerado normal.

Para Glat (1992) é um estereótipo associar aos deficientes uma incapacidade de analisar sua própria vida e expressar suas emoções, desejos e sentimentos. O que vemos é que de fato há uma educação repressora presente em muitos lares de pessoas deficientes.

O deficiente é apropriado de uma infantilidade ou mesmo de um isolamento social e pessoal, transformando o deficiente incapaz de gozarem de uma vida



sexual, plena e prazerosa. Uma educação inclusiva pode ser vista do ponto de vista histórico e conceitual não devendo ser um movimento passageiro para os deficientes em geral. Sabemos que os deficientes sofrem com preconceitos muitas vezes originários da própria família, porém aos poucos essa realidade, estar mudando, pois, a própria família vem lutando para que seus filhos possam ter o mesmo tratamento de outras pessoas tidas normais.

A educação inclusiva e de qualidade tem se tornado uma das maiores batalhas dos pais de pessoas deficientes e nesse cenário de busca por um direito a educação inclusiva. Encontramos profissionais que buscam uma qualidade para lidar com aspectos presentes na vida dos deficientes como a sua sexualidade, mas não podemos esquecer que também pode ser encontrada nessas instituições uma resistência para a inclusão dos deficientes reprimindo o direito de conviver com outras pessoas.

O acesso às políticas públicas mundiais vem dando êxito no âmbito da educação, da saúde, e da vida em sociedade para as pessoas deficientes no sentido de incentivar a inserção afetiva e sexual. Dessa maneira, de fato podemos considerar que a sexualidade em diferentes deficiências cognitivas, sensoriais ou físicas possa influenciar em diferentes momentos

da vida de um portador de deficiência.

Sabemos que os assuntos referentes a sexualidade envolvem na vida do ser humano questões como afeto, expressões de valores, emoções e também a prática sexual sendo esta histórica e social. Assim, da mesma forma a deficiência envolve um fenômeno socialmente construído em que o julgamento da diferença do corpo do deficiente pode ter um envolvimento histórico e cultural.

Existem mitos sobre sexualidade e deficiência onde se referem a discursos, ideias, crenças e inverdades. Entre os mitos mais conhecidos são que as pessoas com deficiências não tem sentimentos, pensamentos e necessidades. Seus desejos muitas vezes são incontroláveis e exacerbados, são considerados poucos atraentes e indesejáveis.

Acreditamos dessa maneira que de fato conhecer e esclarecer estes mitos sobre a sexualidade de deficientes é um fato importante, pois esses podem afetar a todos os envolvidos com a deficiência. Percebemos na fala dos pais,

Sei que ela é impulsiva em algumas coisas, mas falo por nós (pais) que pode ser que essas pessoas tenham uma vida íntima com outra pessoa com a mesma deficiência, mas minha filha nunca irá ter, até porque não achamos certo este tipo de coisa, principalmente com ela. (Pai Jose da jovem com síndrome de Down).



Desse modo, percebemos que os sentimentos ou impulsos são existentes na jovem e a visão que os pais têm sobre sexo para a pessoa com Síndrome de Down é para eles uma total falta de educação e cuidado. Esses pais ainda acreditam e concebem a jovem tratada como uma pessoa leiga aos sentimentos amorosos.

Muitas vezes esses mitos revela um modelo preconceituoso de entender a sexualidade de pessoas com deficiência, tornando um obstáculo para a vida afetiva e sexual. Devemos reconhecer que nem todas as pessoas deficientes são iguais nas suas capacidades de aprendizado e independência, porém o que observamos é que a grande maioria é capaz de aprender a desenvolver níveis de habilidades sociais para o reconhecimento da sua sexualidade de acordo com o seu ritmo.

Os diversos temas da sexualidade como a puberdade, ereção, virgindade e sonhos eróticos, mostrar que pessoas com deficiências muitos já tinham ouvido falar, porém não conseguiram explicar adequadamente. Contudo, as questões relacionadas ao relacionamento afetivo e relação sexual, comprovam que as pessoas deficientes comparadas a pessoas ditas “normais” têm certo grau de dificuldade em responder as questões pesquisadas, por influência de uma sociedade de rejeição e de negação a sexualidade.

A Sexualidade da Pessoa com Síndrome de Down: entrelaçando os dados da pesquisa

Percebemos que as pessoas com síndrome de Down têm para lidar com a sexualidade muitas dificuldades não provindas de sua patologia clínica, nem de suas competências cognitivas ou de seus transtornos motores sensoriais, elas provêm de nós que fazemos parte da sociedade.

Não somos iguais aos outros, no que se refere às características físicas ou psíquicas como também em nossa necessidade. A sexualidade é parte integrante de todo ser humano estando relacionada à intimidade, ao carinho, a afetividade, a ternura ou até mesmo uma maneira de expressão do ser humano através de relações afetivos sexuais.

Para Foucault (1975) a idéia de sexualidade faz parte de nossa conduta, ela faz parte da liberdade em nosso usufruto deste mundo, a presença da sexualidade se manifesta em todas as fases da vida sem distinção de raça, cor, sexo ou deficiência.

Pessoas com Síndrome de Down são capazes de amar, sentir, aprender, se divertir e trabalhar. Poderá frequentar uma escola como qualquer outra criança, podendo levar uma vida autônoma na fase adulta ocupando um lugar digno na sociedade. São gente em primeiro lugar



com os mesmos direitos e necessidades que todo mundo, independentemente da idade, a vida de quem tem Síndrome de Down deve ser vivida também!

A pessoa com síndrome de Down não se diferenciará quanto ao desenvolvimento e as inclinações sexuais de outras pessoas de sua idade, porém podem apresentar comportamentos infantilizados, pela grande insistência da sociedade em mantê-los sempre crianças. Assim, nos diz sua mãe,

Ela é uma pessoa indefessa com seu problema, então temos muito cuidado com ela ao se relacionar com outras pessoas que não seja de nosso convívio, pra nós ela vai ser sempre nossa bebe, até porque só a temos como filha. (Crislaine, mãe da jovem com síndrome de Down)

Nesse sentido fica evidente que os pais têm dúvidas sobre as amizades que ela possa ter, sendo elas reduzidas por um cuidado afetivo e fraterno. Mas, que este cuidado prejudica sua vida social e afetiva da jovem com Síndrome de Down, pois a transição da fase do mundo infantil para a fase adulta requer uma especial atenção para as pessoas com Síndrome, pois as mesmas precisam se sentir habilitada para a inclusão na sociedade. Os pais devem deixar o excesso de preocupação com seus filhos para que sejam capazes de efetuarem atividades como, por exemplo, trabalhar, estudar e namorar, tudo isso dentro dos

limites de cada um. É claro que não se dispensa os cuidados.

As famílias de pessoas com Síndrome devem também estar atentas não só para a vida em trabalho de filhos com Síndrome, mas também que estejam preparadas para perceber e aceitar os desejos dos seus filhos para com o mundo em geral, onde a sua sexualidade deve ser levada em conta.

A sexualidade é uma forma de expressão privada de cada ser humano que deve ser vivida e privilegiada, quando o assunto estiver relacionado a pessoas com deficiência. Em especial com Síndrome de Down, a sexualidade se torna mais complexa e cheia de tabus, se tornando um fato importante, pois a mesma estar relacionado a valores sociais e culturais tendo este tema extremamente individual, assim:

[...] se com frequência não é fácil abordar o tema da sexualidade humana em circunstâncias normais, ele se torna muito mais complexo no caso das pessoas com deficiência intelectual. A presença da sexualidade nesse segmento da população foi vista quase sempre antes como um problema do que como um atributo humano positivo (AMOR PAN, 2003, p.47).

A vida em sociedade busca tornar o indivíduo habilitado para ser independente. No caso da pessoa com Síndrome de Down é um passo importante para a sua formação e independência na fase adulta. Assim,



Susete que é a amiga da pessoa com Síndrome de Down relata,

Bem acredito que esse encontro era os únicos momentos de convivência dela com outras pessoas, até porque ela mesma dizia que éramos a segunda família dela, na verdade a vejo hoje muito presa e limitada sem acesso a sociedade de forma geral. (Susete, amiga da jovem com síndrome de Down).

Nesse sentido, a amizade delas foi uma coisa passageira mais de grande significação. A amiga pode ver que a convivência da jovem com síndrome de Down com o grupo de oração era seu único refúgio de suas vontades e desejos.

Existem numerosas variações em relação à sexualidade de pessoas com Síndrome de Down, pois o desenvolvimento sexual pode ser menos completo em relação a outras pessoas. A puberdade é retratada de forma adiantada e descompassada diante das características físicas, mental e psicoativo, em se tratando de fertilidade as mulheres com Síndrome são férteis iguais a qualquer outra, já os meninos estes muitos são considerados estéreo.

Geralmente pessoas com Síndrome de Down podem apresentar momentos de depressão diários por se revelarem de maneira diferente. Com isso, muitas vezes o enlace de uma amizade com outra pessoa se torna um fator que preocupa os pais e os mesmos devem ficar atentos para

este fato. A pessoa com síndrome de Down deve receber o tratamento conforme sua idade sendo estimulados para a inclusão em outros grupos sociais tendo liberdade para suas descobertas e limitações. (MOVIMENTO DOWN, 2015).

Os pais tem uma preocupação com seus filhos como se eles não fossem ser independentes sendo sempre crianças e em muitos casos os mesmos evitam pensar até em eles terem uma relação sexual e em se tratando de pessoas com Síndrome de Down a preocupação aumenta. Isso fica evidente na fala da mãe ao relatar:

Não a vemos preparada para a vida sexual, ela não tem vontade ou desejo por essas coisas pelos menos em nossa frente, mas sabemos a filha que temos por isso acreditamos que este fator não existe em nossa filha, para nós ela nunca irá se envolver com uma pessoa para o sexo. (Crislaine, mãe da jovem com síndrome de Down).

Os mesmo não enxergam a filha preparada para uma vida a dois ou coisa assim, ignorando todos os desejos que a jovem possa expressar e sentir. Percebemos mais uma vez que a sexualidade de pessoas com deficiências ou mesmo com a Síndrome de Down está muito limitada para suas famílias e sociedade.

Conforme a sua capacidade, muitos falam que é impossível à pessoa com Síndrome de Down compreender sobre a



sua a sexualidade. Na verdade isso é um grande engano, pois essa pessoa pode até demonstrar muitas vezes formas de carinho com muita empolgação ou até mesmo ficarem falando de um determinado assunto constantemente, mas isso pode ser resolvido através do diálogo.

O olhar de repressão por parte de familiares e da sociedade para as pessoas com Síndrome de Down em relação a sua sexualidade pode ser entendido pelo os mesmo como um impedimento de que estes não possam manifestar qualquer atitude referente à suas vontades mais íntimas.

Para a pessoa com Síndrome de Down não seja simplesmente reprimido, é importante que as pessoas que vivem com ele acreditem em sua possibilidade de experimentar os ritmos normais da vida, tendo atividades, experiências e oportunidades como qualquer outra pessoa, mas nem sempre é assim. Diante disso, a empregada da família ressalta:

Em momento algum ela se relaciona com outras pessoas a não ser as que os pais permitem com quem ela dialoga, principalmente quando ela estiver no comércio do pai, aonde vai gente de todo lugar, mas em uma conversa com a mesma, ela confessou que seu pai só deixa ela sair com pessoas casadas ou de confiança total deles. (Valdeneia, empregada da família).

O medo e a repressão dos pais a torna impedida de um diálogo ou um convívio mais preciso sobre a vida

ou mesmo o sexo com outras pessoas fora do seu ambiente do lar. De fato muitas vezes as pequenas oportunidades que a pessoa com Síndrome de Down faz sozinho em seu cotidiano, podem desenvolver neles a dignidade aos qual muitas vezes os pais impedem, um simples tomar banho, em particular, um escolher que roupa usar, os torna pessoas capazes de fazer suas próprias escolhas.

A sexualidade da pessoa com síndrome de sexo feminino sempre foi um tabu muito grande, por muitas mães não orientarem as mesmas, por motivos banais como a vergonha e a falta de diálogo. A visão que os pais têm dos filhos com Síndrome de Down é de que elas são assexuadas onde até mesma a masturbação se torna um fator de incômodo para os mesmos. Percebemos este tabu na fala da jovem com síndrome de Down:

[...] Tá louca, eles nunca falam dessas coisas comigo, isso aqui é um assunto proibido e imoral, sei que eles falam lá dentro do quarto deles, minha mãe disse que estas coisas de sexo só existem entre marido e mulher e eu não posso saber nunca, nunquinha. (Maria Ariane, jovem com síndrome de Down).

O preconceito é um fator presente que transforma os desejos mais comuns existente em um ser humano e na vida da jovem com síndrome de Down não é diferente. Para tanto a grande importância de se trabalhar a sexualidade das pessoas



com Síndrome de Down é saber identificar as dificuldades de compreensão que ele está demonstrando. É importante considerar sem perder de vista os limites da realidade, limites esses a serem colocados em relação à manifestação ou ao relacionamento sexual, podendo estes ser ensinados como foram ensinados outros limites da educação geral.

A sexualidade das pessoas com Síndrome de Down tem sempre uma esfera de grande dificuldade, sendo vista e entendida em sua forma sexual reduzida à genitália. Entretanto é preciso compreender a sexualidade por um prisma mais amplo levando em consideração aspectos como: a masturbação, a namoros com teor de preocupação por parte dos pais em relação à gravidez indesejada, a relações sexuais, a homossexualidade, ao abuso sexual e as doenças sexualmente transmissíveis, etc.

Maia (2006) esclarece que pensar que pessoas com deficiências são assexuadas é um modo de desconsiderar a possibilidade das mesmas expressarem sua afetividade, seus relacionamentos. Pensar dessa forma é negá-las ao direito de construção familiar visando um preconceito social onde os mesmos não são reconhecidos como hábitos aos seus próprios desejos e vontades, impedidos de serem reconhecidos como seres sexuados.

Assim sendo, sabemos que o desenvolvimento de uma pessoa com Síndrome de Down é lento. Porém, com muita dedicação e amor e sempre em coletividade com a família e sociedade as barreiras de preconceitos serão demolidas para uma interação dos mesmos com qualquer pessoa no seu meio social em prol da construção da sua vivência sexual de forma saudável, prazerosa e comunicativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão da sexualidade não é uma tarefa fácil de se abordar, devido a sua imensa riqueza humana e toda sua significação histórica, no entanto, mais do que nunca se torna necessária uma reflexão sobre a sexualidade humana, onde vivemos num ambiente sexuado tendo os discursos sobre a sexualidade entrelaçados sobre todas as esferas da nossa vida cotidiana.

É certo dizer que a deficiência afeta a identidade de gênero, pois mesmo alguns estereótipos sexuais relacionados à condição feminina são excluídos do universo da mulher deficiente. As pessoas com Síndrome de Down do sexo feminino muitas vezes são vista como “assexuadas”. Dessa forma, se por um lado isso demonstra a negação na mulher devido a sua condição deficiente, por outro lado poderia sugerir que a mulher deficiente é



menos estereotipa no sentido de ser mero objeto sexual de desejo e satisfação masculina.

A sexualidade é um fator que precisa ser mais discutidos, no âmbito familiar, escolar e social, não podemos vedar os olhos para essa necessidade das pessoas com Síndrome de Down. Eles são pessoas que precisam de orientação para poder desenvolver-se de uma maneira sadia e plena em ambos os aspectos. Podemos ainda observar que quanto mais cedo a Síndrome de Down for detectada, melhores e mais satisfatórios serão os resultados de progressão no âmbito da saúde como também no processo de socialização desses indivíduos.

A concepção da jovem com Síndrome de Down sobre sua sexualidade é entendida como forma de acariciar um ao outro como forma de carinho e cuidado, com seu pensamento inocente de sua própria sexualidade referentes as orientações dos pais. A jovem com Síndrome de Down tem diante da sua sexualidade e as vivências em sua vida, um fator retraído e exposto em momentos de conversas paralelas. Ela expõe seus desejos mais íntimos e suas fantasias, tendo um receio de ser reprimida perante sua limitação sexual diante de sua família.

Analisamos que a jovem com Síndrome de Down tem uma

dificuldade de concepção e uma falta de interesse em relação a um relacionamento mais íntima em sua sexualidade devido às orientações dos seus pais, impedindo a mesma a uma exposição dos seus desejos, vontades e sonhos por mais simples que sejam.

A grande importância que o estudo traz a nossa pesquisa é que precisamos antes de tudo ter um olhar à pessoa com deficiência como para uma pessoa diferente, porém, com direitos e deveres relacionados à sua dignidade, independência e liberdade. Sendo elas capazes de superar obstáculos existentes em sua vida e ainda ultrapassar a barreira do preconceito persistente em nossa sociedade, em prol da vivência de uma sexualidade prazerosa e respeitada.

REFERÊNCIAS

AMOR PAN, José Ramón. **Afetividade e sexualidade na pessoa portadora de deficiência mental**. São Paulo: Loyola, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Doença mental e psicologia**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 1975.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. 9.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

GLAT, R. **A sexualidade da pessoa com deficiência mental**. Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, v.1, n°1, p.65-74,1992.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. **Sexualidade**



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

e Deficiências. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

MOVIMENTO DOWN. O que é.
In: <http://www.movimentodown.org.br/sin>

drome-de-down/o-que-e/,
em:20/10/2015.

acesso

